

NOTAS SOBRE OS FUNDAMENTOS DA CRÍTICA DE THEODOR ADORNO À INDÚSTRIA CULTURAL

Igor Lula Pinheiro SILVA¹

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo expor os principais fundamentos da crítica à indústria cultural, realizada por Theodor Adorno em um ensaio da *Dialética do esclarecimento*. Para tanto, optamos por apresentar os elementos mais significativos de sua formação intelectual e estética em íntima relação com alguns aspectos teóricos centrais do texto em questão. Em um primeiro momento, a exposição é realizada com foco no contexto histórico de Adorno e em algumas informações biográficas. Em seguida, alguns dos pressupostos filosóficos do ensaio são colocados em evidência e relacionados à formação intelectual e estética do filósofo. Por fim, a intenção é que todos os temas apresentados neste trabalho formem uma constelação que revele uma imagem geral e significativa da crítica de Adorno à indústria cultural.

Palavras-chave: Teoria crítica. Indústria cultural. Formação intelectual. Formação estética.

NOTES ON THE FOUNDATIONS OF THEODOR ADORNO'S CRITIQUE OF CULTURE INDUSTRY

Abstract: The present work aims to expose the main foundations of the critique of culture industry, carried out by Theodor Adorno in an essay of *Dialectic of Enlightenment*. To do that, we chose to present the most significant elements of his intellectual and aesthetic education in close relation to some central theoretical aspects of the text at hand. At first, the exposure is carried out by focusing on Adorno's historical context and some biographical information. Then, some of the philosophical assumptions of the essay are highlighted and related to the intellectual and aesthetic education of the philosopher. At last, the intention is that all the themes presented in this work form a constellation which reveals a significant and overall image of Adorno's critique of culture industry.

Keywords: Critical theory. Culture industry. Intellectual education. Aesthetic education.

Introdução

Theodor Ludwig Wiesengrund Adorno (1903-1969) nasceu em Frankfurt am Main, na Alemanha. A vida deste intelectual do século XX foi marcada profundamente pelas mais diversas catástrofes que mancharam de um vermelho amargo este breve século. A obra do autor reflete de maneira crítica a barbárie presenciada pelo homem judeu que, ao longo da vida, resistiu à perseguição do regime nazista. Em 1933, quando Hitler ascende ao poder, Adorno é forçado a deixar a Alemanha e, posteriormente, a se

¹ Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara – SP – Brasil. Graduado em Ciências Sociais. igorlulaps@gmail.com.

estabelecer nos Estados Unidos, onde percebeu com maior clareza a força social dos meios de comunicação de massa. Ele é conhecido, sobretudo, como o crítico radical da indústria cultural: o processo de produção cultural por meio do qual se destacam a banalização, a semiformação e o fetichismo na cultura contemporânea. No intuito de distanciar o pensamento crítico da vulgarização e da neutralização promovida pela indústria cultural, Adorno elege principalmente o ensaio – mas, também, em alguns momentos, o aforismo – como a forma de construir e transmitir seus pensamentos, uma vez que o ensaio, por excelência, “tira todas as conseqüências da crítica ao sistema” (ADORNO, 2003, p.24). Essa ideia de crítica ao sistema, no pensamento adorniano, deve ser entendida tanto do ponto de vista da crítica ao sistema social, pensado enquanto uma totalidade positiva dada na realidade que, no limite, pode alcançar o nível do totalitarismo, quanto do ponto de vista da crítica ao sistema do pensamento que se totaliza – e pode também se tornar autoritário – justamente no momento em que se acredita ter alcançado o absoluto no âmbito do conhecimento teórico. A propósito desta ideia de crítica ao sistema na forma ensaística, o objetivo deste trabalho é criar um panorama explicativo do ensaio sobre a indústria cultural, encontrado na obra *Dialética do esclarecimento* (1947) de Adorno e Max Horkheimer (1895-1973), procurando explicitar os elementos biográficos, históricos e filosóficos mais fundamentais que contribuem para a compreensão da crítica de Adorno a este sistema de dominação social. É importante ressaltar que, apesar de estes dois autores terem assinado a obra em conjunto, a partir da indicação de alguns comentadores, hoje é de conhecimento do público que o ensaio sobre a indústria cultural presente na *Dialética do esclarecimento* foi elaborado textualmente de maneira integral por Adorno (RÜDIGER, 2002). Portanto, a abordagem a seguir da crítica à indústria cultural será realizada do ponto de vista da formação intelectual e estética de Adorno.

O lugar da crítica na formação de Adorno

Ao realizar a crítica à indústria cultural nos anos de 1940, Adorno já tinha se apropriado em grande medida da longa tradição filosófica do ocidente e também do debate sociológico específico de sua época. Ele foi um intelectual intimamente vinculado ao seu tempo histórico e, portanto, procurou refletir sobre as questões que tanto instigavam quanto perturbavam os intelectuais, sobretudo, os da primeira metade do século XX. Adorno fez parte de um grupo heterogêneo de intelectuais que foram

associados ao Instituto para a Pesquisa Social (*Institut für Sozialforschung*) de Frankfurt, cujo compromisso teórico e político consistia no desenvolvimento de uma teoria crítica da sociedade. Geralmente, a expressão “Escola de Frankfurt” é utilizada para se referir a este grupo heterogêneo de intelectuais, entretanto é preciso ressaltar, desde o início, que estes pensadores frankfurtianos que desenvolviam uma teoria crítica da sociedade não formaram uma escola propriamente dita, pois não compartilhavam um mesmo conjunto homogêneo de teses com as quais interpretavam unanimemente os fenômenos sociais. Pelo contrário, a parceria teórica estabelecida entre muito deles – como, por exemplo, é o caso mais emblemático de Adorno e Walter Benjamin (1892-1940) – foi extremamente tensa e permeada por controvérsias no que diz respeito aos diagnósticos de seu tempo histórico. Tendo isto em vista, é possível uma aproximação do contexto histórico e intelectual destes pensadores, mais especificamente o de Adorno, sem qualquer ingenuidade a este respeito.

A crítica não fez parte apenas da vida intelectual e política de maturidade de Adorno, mas também de sua formação de juventude, tanto teórica, quanto estética. Quando era ainda muito jovem, com aproximadamente quinze anos de idade, Adorno teve a oportunidade de ler a *Crítica da razão pura* (1781) de Immanuel Kant (1724-1804) com seu amigo Siegfried Kracauer (1889-1966), aquele que é hoje considerado um dos teóricos mais importantes do cinema alemão. Este foi um dos primeiros contatos de Adorno com a ideia de crítica, a qual levou adiante com muitas reformulações em suas reflexões posteriores acerca do mundo contemporâneo no Instituto de Frankfurt. Kant foi muito provavelmente o primeiro filósofo moderno a trabalhar com a ideia de crítica da razão. No século XVIII, a crítica da razão realizada por Kant inaugurou um caminho sem volta no sentido da autoconsciência do indivíduo moderno com relação à sua própria racionalidade. Este caminho inaugurado por Kant foi trilhado também, em meio a diversas tensões, por Hegel, Marx, Freud e, como sugerido acima, pelo próprio Adorno que estudou atentamente todos estes autores.

Em Kant, a crítica é o procedimento que revela as contradições inerentes ao funcionamento da própria razão, inclusive suas antinomias constitutivas, com o intuito de se alcançar a autoconsciência e a possibilidade de um exercício seguro da própria razão. Além disso, a crítica no pensamento kantiano consiste na atitude filosófica de submeter à revisão radical as próprias faculdades cognitivas e sensíveis do sujeito, para que possam ser estabelecidos os limites, o âmbito de validade e as condições de possibilidades do conhecimento. O mais importante aqui é notar que a condição

fundamental de toda e qualquer crítica é a seguinte: a razão deve sempre vigiar a si mesma e fazer revisões rigorosas de seus produtos, a fim de eliminar as ilusões, os erros e os enganos que possam se apresentar ao espírito. A razão deve, portanto, se voltar contra si mesma e realizar uma autocrítica para compreender os limites de seu alcance e legalidade. Desta maneira, já em Kant, a crítica da razão possui uma função eminentemente negativa, pois estabelece os limites insuperáveis das faculdades do sujeito. Uma das preocupações principais de Kant, ao realizar a sua crítica da razão pura, era dar uma solução para o fenômeno da antinomia, isto é, aquela contradição específica da razão pura pela qual é possível desenvolver duas teses simetricamente opostas – uma tese e sua antítese – a respeito de um determinado objeto sem que isso implique falta de coerência argumentativa para qualquer uma delas. Neste sentido, quando trata da dialética transcendental (também referido como lógica da ilusão ou da aparência) em sua *Crítica da razão pura*, Kant nos revela um segredo: a razão pura, em seu próprio funcionamento, produz contradições, ilusões, erros e enganos insuperáveis que impedem a construção de um conhecimento seguro, universal e necessário a respeito de alguns objetos que estão para além de qualquer experiência possível (KANT, 2001). Portanto, a crítica da razão realizada por Kant nos revela irremediavelmente os problemas da dialética no âmbito da razão especulativa.

Na obra de Hegel e, posteriormente, também na de Marx, a ideia de crítica se vincula mais substantivamente à dialética, no sentido de assumir a tarefa de lidar de maneira positiva e ativa com a contradição, tanto do ponto de vista da consciência do sujeito racional, quanto do ponto de vista da realidade social objetiva, procurando alternativas para a solução transcendental encontrada por Kant. A dialética em Hegel sai do plano da consciência dos sujeitos e começa a penetrar o solo da história, evidenciando que a contradição não se apresenta apenas no âmbito teórico do pensamento, mas também na própria realidade social e histórica. Em Marx, sobretudo, a dialética começa a se manifestar nas relações sociais mais concretas que os indivíduos estabelecem entre si, mais especificamente, em suas relações sociais de produção, âmbito no qual se evidenciam as lutas eminentemente históricas, abertas ou camufladas, entre classes sociais antagônicas. No debate sociológico mais contemporâneo a Adorno, a propósito desta ideia de conflito social de classe, a influência de Marx para a sua teoria crítica da sociedade se mostra bastante significativa. No século XIX, Marx foi um dos autores responsáveis, em grande medida, tanto pela teorização da situação da classe proletária no contexto da atual sociedade burguesa, quanto pelas primeiras articulações

políticas frente a luta de classes, na qual o proletariado deveria, através da tomada de consciência de sua situação histórica e da ação revolucionária, superar a condição de dominação imposta pela sociedade burguesa.

No entanto, no início do século XX, apesar de a organização da classe trabalhadora iniciada no século anterior ter engendrado um processo de luta revolucionária que não poderia ser ignorado de maneira alguma, o cenário político, social e econômico no qual Adorno estava inserido já se apresentava de maneira diversa. No início da década de 1920, após o início da Revolução Russa e do fracasso dos comunistas alemães na tentativa de tomada do poder em 1919, a esquerda alemã parecia ter apenas duas opções com relação à militância: apoiar a social-democracia dos primeiros anos da república de Weimer ou apoiar a liderança política dos socialistas russos em Moscou (DUARTE, 2003). Entretanto, a posição de alguns intelectuais alemães, como é o caso de Adorno, foi a de criar alternativas teóricas e políticas para a esquerda, a partir da reavaliação da teoria marxista, com o intuito de ampliar suas perspectivas históricas, pensando especialmente nas condições de possibilidade para a emancipação humana em relação à dominação cega da natureza tanto interna quanto externa ao próprio ser humano, cuja potencialização ocorre em estreita relação ao intenso desenvolvimento das forças sociais produtivas do sistema capitalista, desde o início da era moderna.

Foi no bojo destas tendências teóricas e políticas do início do século XX que surgiram os primeiros intelectuais responsáveis por confrontar o pensamento de Marx e Freud com o intuito de superar algumas amarras da ortodoxia marxista manifesta principalmente nos partidos comunistas da época. Nos anos de 1920, importantes pensadores como, por exemplo, Wilhelm Reich (1897-1957) e Erich Fromm (1900-1980) produziram diversos trabalhos significativos para o debate acerca das contribuições teóricas e políticas de Marx e Freud. A partir deste contato com a obra de Reich e Fromm, Adorno começou a compartilhar de algumas inquietações teóricas com estes chamados “freudo-marxistas”, mas sem necessariamente identificar seu programa teórico e político com o deles. Uma das mais importantes inquietações dos freudo-marxistas, como Reich e Fromm, que chamou também a atenção de Adorno, dizia respeito a um problema que perturbava praticamente de maneira unânime a esquerda alemã e, talvez, toda a esquerda europeia. Esta inquietação pode ser formulada nos seguintes termos: como era possível que a classe trabalhadora na maioria do tempo pudesse agir e pensar contra seus próprios interesses de classe e necessidades históricas

e, sobretudo, de maneira favorável ao sistema que a subjuga? Inspirada na psicanálise de Freud e com o intuito de pensar com mais profundidade a respeito dos movimentos de massa próprios do século XX, essa foi uma pergunta de extrema importância para o contexto intelectual de Adorno, pois os pensadores da esquerda começavam a perceber que a classe trabalhadora estava sendo progressivamente integrada no aparelho ideológico da sociedade burguesa (ROUANET, 1989). Foi exatamente a partir da percepção deste paulatino processo de integração da classe trabalhadora ao aparelho ideológico da sociedade burguesa que Adorno começou a formular a sua ideia de indústria cultural.

Antes de analisar esta questão, são necessárias ainda mais algumas breves observações a respeito da formação estética de Adorno, para que seja possível compreender melhor a complexidade do problema que o autor nos apresenta em seu ensaio sobre a indústria cultural da *Dialética do esclarecimento*. Além da apropriação de toda esta tradição filosófica e de sua profunda inserção no debate sociológico contemporâneo, pelo fato de ter sido criado no berço de uma família burguesa de comerciantes de vinho em Frankfurt, Adorno teve ao longo de seus primeiros anos de formação um grande incentivo de sua família e uma condição de vida confortável para se dedicar tanto à tarefa do pensamento, quanto à formação e fruição estéticas. A mãe de Adorno foi uma cantora profissional e sua irmã foi uma pianista excepcional. Estas duas mulheres foram as principais responsáveis pela introdução de Adorno, desde muito cedo, no contexto musical. Quando ainda tinha aproximadamente vinte e um anos de idade, Adorno começou a estudar composição em Viena com Alban Berg, um dos discípulos diletos de Arnold Schoenberg, um músico que, por sua vez, instigou sobremaneira as reflexões de Adorno a respeito da relação entre música e sociedade na discussão da indústria cultural (SELIGMANN-SILVA, 2010). Desse modo, é possível perceber que Adorno não tinha apenas uma sólida formação filosófica e extrema atenção ao debate sociológico contemporâneo, como tinha também uma excelente formação estética, sobretudo no campo musical, as quais lhe permitiram posteriormente escrever diversos ensaios de crítica, ao mesmo tempo estética e sociológica, ao longo de toda sua trajetória intelectual. Na década de 1920, Adorno já havia produzido dezenas de ensaios de crítica musical e nos Estados Unidos, ao longo dos anos de 1930, em parceria com Paul Lazarsfeld, ele também organizou um programa de rádio sobre música, chamado *Princeton Radio Research Project*, por meio do qual ambos estudavam o impacto dos meios de comunicação de massa na formação musical dos cidadãos norte-americanos.

Nestas ocasiões de transmissão radiofônica, entre outras coisas, Adorno realizava conferências para divulgar sua teoria crítica da condição social da música. Neste sentido, os elementos mais fundamentais para a crítica à indústria cultural, realizada nos anos de 1940 na *Dialética do esclarecimento* por Adorno, já estavam presentes e amadurecendo em seus ensaios de crítica musical da década de 1920 e nas conferências proferidas no rádio durante a década de 1930 (DUARTE, 2003).

A crítica de Adorno à indústria cultural

Após esboçar um breve panorama do contexto histórico de Adorno e realizar algumas observações importantes a respeito de sua formação intelectual e estética, se torna possível compreender com mais clareza os fundamentos de sua crítica à indústria cultural, apresentada na obra *Dialética do esclarecimento*. O fio condutor desta obra é a crítica da razão, em um sentido parecido com aquele inaugurado por Kant no início da era moderna. No entanto, Adorno e Horkheimer não realizaram uma crítica idêntica àquela de Kant, pois os problemas de seus respectivos tempos históricos não eram os mesmos. A crítica dos frankfurtianos se dirige diretamente àquilo que ficou conhecido como razão instrumental. O diagnóstico elaborado por eles neste livro é um tanto sombrio, pois indica que a razão, paradoxalmente, ao ter criado as condições para que a humanidade se afaste do antigo estado de barbárie, se torna também responsável por promover uma nova forma de barbárie, devido ao incontrolável processo de dominação da natureza, tanto interna, quanto externa ao ser humano. Isso significa que a modernidade, enquanto um projeto racional que visava à afirmação e constituição plena do indivíduo e de uma sociedade livre das antigas autoridades tradicionais míticas, na realidade, revelou ser o seu perfeito contrário. O progresso da racionalidade gerou, de fato, transformações sociais extremas para a humanidade, mas que implicaram necessariamente novas formas de sujeição e dominação entre os indivíduos que, por sua vez, são responsáveis por criar diversos sintomas de regressão da cultura e um crescente processo de reificação da vida, a partir dos imperativos desta razão instrumental. Nisto consiste, em termos bastante gerais, a tese principal da *Dialética do esclarecimento*: o mito já possuía uma dimensão de esclarecimento, mas a razão que supôs a superação da antiga condição mitológica se converteu ela própria em um mito, como nos demonstra a barbárie tecnológica moderna promovida, sobretudo, no período do nazismo por esta própria razão mesma em seu sentido estritamente instrumental.

Neste sentido, o ensaio de crítica à indústria cultural presente na *Dialética do esclarecimento* se coloca particularmente como uma reavaliação daquele projeto do esclarecimento formulado pela primeira vez por Kant no século XVIII, tendo em vista o próprio subtítulo do ensaio de Adorno: “o esclarecimento como mistificação das massas”. Para compreender esta questão, é necessário lembrar que, em um pequeno texto intitulado *Resposta à pergunta: o que é esclarecimento?* (1783), Kant procurou definir o mais claramente possível o significado deste processo de esclarecimento para a humanidade. Neste texto, em termos bastante gerais, Kant vislumbra a possibilidade de que os indivíduos conquistem progressivamente mais autonomia, na medida em que adquirem maior liberdade para fazer o uso público da razão, podendo se afastar, portanto, do estado de menoridade no qual se encontram justamente pelo fato de não usarem o próprio entendimento, isto é, não conseguirem orientar suas vidas por conta própria, sem o direcionamento de outrem (KANT, 1985). Kant enxergava mais adiante no caminho do esclarecimento a possibilidade de que a humanidade não mais estivesse submetida ao domínio da ignorância, da violência e do arbítrio alheio, pois estabeleceria por si própria as suas próprias leis, tendo como fundamento único e exclusivo a razão, este atributo inalienável do indivíduo moderno. No entanto, o diagnóstico elaborado no século XX, por Adorno e Horkheimer na *Dialética do esclarecimento*, demonstra que o projeto do esclarecimento se revelou sua face ideológica, pois a razão não foi capaz de conduzir a humanidade pelo caminho das luzes, mas sim por um caminho de sombras, no qual reinam justamente a ignorância, a violência e o arbítrio alheio.

No ensaio *Ascensão e declínio do indivíduo* (1955), publicado alguns anos depois da *Dialética do esclarecimento*, aprofundando teoricamente algumas intuições já contidas nesta obra, Horkheimer nos mostra que o indivíduo, aquele clássico portador autêntico da racionalidade, agora se encontra, não mais autônomo como pretendia, mas sim submetido aos imperativos dilacerantes da razão instrumental que se tornou independente de seu controle, revelando sua face perversa à medida que exerce uma nova função de dominação no mundo contemporâneo (HORKHEIMER, 2002). Dada esta circunstância histórica, como o próprio Adorno observou em um tom de autoavaliação, décadas após a publicação da *Dialética do esclarecimento*, em uma passagem de sua *Dialética negativa* (1966):

[...] cabe àqueles que, em sua formação espiritual, tiveram a felicidade imerecida de não se adaptar completamente às normas vigentes – uma

felicidade que eles muito frequentemente perderam em sua relação com o mundo circundante –, expor com um esforço moral, por assim dizer por procuração, aquilo que a maioria daqueles em favor dos quais eles o dizem não consegue ver ou se proíbe de ver por respeito à realidade. (ADORNO, 2009, p.43).

Esta declaração de Adorno revela muito a respeito de seu envolvimento e compromisso com a teoria crítica, pois, uma vez que indivíduo se encontra agora diluído na massa e dominado pelas objetivações da razão instrumental, resta apenas a tarefa da crítica radicalmente negativa por parte daqueles indivíduos que, como Adorno, puderam ter a oportunidade imerecida de acesso – em termos de experiência formativa – aos últimos resquícios da cultura, em seu sentido pleno, antes que ela tenha se deformado e degradado ao aparecer para os indivíduos na forma mercadoria.

A expressão “indústria cultural” (*Kulturindustrie*) se torna, portanto, realmente compreensível quando percebida neste movimento das sociedades modernas que se desdobram no sentido da universalização da forma mercadoria e do domínio técnico quase total da vida, ambos os processos orientados pela razão em seu sentido instrumental. Desde o princípio, esta expressão foi concebida por Adorno – que tem o hábito de pensar com os ouvidos devido à sua formação musical – como um oxímoro, um paradoxo, uma formulação propositalmente contraditória que deveria produzir um ruído desconfortável ao ser pronunciada, pois a indústria é o âmbito privilegiado da razão instrumental, mas a cultura não - ou, pelo menos, não deveria ser. A indústria se caracteriza estritamente pela ideia de adequação perfeita ou a mais perfeita possível entre meios e fins. A cultura, pelo contrário, em vez de ser uma pura adequação entre meios e fins, se caracteriza, pelo menos em princípio, pelas atividades mais despreziosas possíveis e pela manifestação espiritual da liberdade dos seres humanos. Esta expressão “indústria cultural”, portanto, nos apresenta uma flagrante contradição e também uma grande diferença em relação à expressão melódica e aprazível “cultura de massa”, que é normalmente utilizada de maneira indiscriminada e como uma tentativa de se alcançar certa neutralidade com relação ao fenômeno que se dedica a analisar, uma vez que esta última expressão parece sugerir que estamos tratando de uma cultura que surge espontaneamente das massas, como se fosse uma forma contemporânea de arte popular, mas certamente não é este o caso (ADORNO, 1986). A expressão “indústria cultural” problematiza em vez de meramente classificar a produção cultural contemporânea, denunciando o fato de ela se encontrar submetida aos ditames do mercado, à razão instrumental e à lógica de funcionamento dos novos meios de

comunicação de massa.

No ensaio intitulado *O fetichismo na música e regressão da audição* (1938), Adorno nos mostra que os bens culturais produzidos pela lógica industrial já são preconcebidos e pré-formatados para satisfazer o “gosto” das massas, o qual não pode nem mesmo ser considerado como gosto, no sentido pleno do termo, pois também já é previamente determinado por esta indústria com o intuito de facilitar o consumo das mercadorias culturais com vistas apenas ao lucro obtido em seu processo de circulação. Gostar ou não gostar de um produto da cultura oferecido no mercado não passa por um procedimento de avaliação livre e criteriosa do objeto por parte do indivíduo, mas se resume ao simples ato de reconhecê-lo enquanto um bem de consumo disponível para a compra. Em relação ao material musical, especificamente, Adorno (1996, p.66) observa que “[...] o comportamento valorativo tornou-se uma ficção para quem se vê cercado de mercadorias musicais padronizadas.”, pois o indivíduo na sociedade de massas não pode exercer efetivamente sua liberdade de escolha em um contexto no qual tudo aparece como idêntico justamente pelo fato de se apresentar na forma mercadoria.

Portanto, segundo Adorno (1985, p.99), a indústria cultural “confere a tudo um ar de semelhança” à medida que se apresenta como um sistema coerente e praticamente inabalável de comercialização dos produtos da cultura. Conceitualmente, no tempo histórico de Adorno, essa expressão procurou captar de maneira crítica as consequências das relações estabelecidas entre os indivíduos por meio das novas tecnologias da comunicação e dos mecanismos técnicos de reprodução da imagem e do som, evidenciando a trama astuta e perigosa, para os próprios indivíduos, formada entre as diversas atividades aparentemente isoladas dos vários setores do mercado responsáveis pela produção e reprodução cultural na contemporaneidade. Neste sentido, na abordagem de Adorno, a indústria cultural é compreendida como uma totalidade que integra as esferas econômica, política, ideológica e estética do mundo contemporâneo, sendo a tarefa do teórico crítico revelar as mediações ocultas que compõem este amplo sistema social de dominação.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. Introdução. In: ADORNO, T. W. **Dialética negativa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. p.11-56.

ADORNO, T. W. O ensaio como forma. In: ADORNO, T. W. **Notas de literatura I**. São Paulo: Duas cidades: 34, 2003. p.15-45.

ADORNO, T. W. A indústria cultural. In: COHN, G. (Org.). **Theodor W. Adorno: sociologia**. São Paulo: Ática, 1986. p.92-99.

ADORNO, T. W. O fetichismo na música e a regressão da audição. In: ADORNO, T. W. **Theodor W. Adorno: textos escolhidos**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. p.65-108.

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. In: ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p.99-138.

DUARTE, R. **Teoria crítica da indústria cultural**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.

HORKHEIMER, M. Ascensão e declínio do indivíduo. In: HORKHEIMER, M. **Eclipse da razão**. São Paulo Centauro, 2002. p.133-165.

KANT, I. Prefácio da segunda edição. In: KANT, I. **Crítica da razão pura**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. p.VII-XLIV.

KANT, I. Resposta à pergunta: o que é “Esclarecimento”? (Aufklärung). In: KANT, I. **Immanuel Kant: textos seletos**. Petrópolis: Vozes, 1985. p.100-117.

ROUANET, S. P. **Teoria crítica e psicanálise**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

RÜDIGER, F. **Comunicação e teoria crítica da sociedade: fundamentos da crítica à indústria cultural em Adorno**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

SELIGMANN-SILVA, M. **A atualidade de Walter Benjamin e Theodor W. Adorno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.